

HUMANIZAÇÃO DO CUIDADO NA ENFERMAGEM EM CRIANÇAS EM ESTADO TERMINAL: PRÁTICAS E DESAFIOS

HUMANIZATION OF NURSING CARE FOR TERMINALLY ILL CHILDREN: PRACTICES AND CHALLENGES

HUMANIZACIÓN DEL CUIDADO DE ENFERMERÍA AL NIÑO EN TERMINACIÓN: PRÁCTICAS Y DESAFÍOS

Priscilla Valentina Primo¹
Arielle Oliveira dos Santos²
Bruna Beatriz Silva Bahia Santana³
Kailane Silva Soares⁴
Giovanna de Oliveira Souza Matos⁵
Marcio Costa de Souza⁶

RESUMO: A terminalidade infantil muitas vezes representa um estigma para os profissionais da saúde, principalmente os enfermeiros, o que pode resultar em falhas no cuidado durante esse momento crítico. Desse modo, é crucial a humanização do cuidado de crianças em estado terminal. O objetivo desse estudo é discorrer sobre a importância da humanização do cuidado de crianças em estado terminal, as práticas e desafios. Foi utilizado a metodologia de revisão de literatura integrativa e foi elaborado através de um levantamento de artigos científicos nas bases de dados: Google Acadêmico, *Scientific Eletronic Library Online* (SCIELO), sem limites temporais, os quais foram pesquisados com os seguintes descritores: estado terminal, criança hospitalizada, enfermagem oncológica, cuidados paliativos, cuidado humanizado. Nos resultados observa-se a abordagem holística no contexto da terminalidade infantil é fundamental e necessita de fatores que vão além da qualificação profissional. Nesse viés, os enfermeiros que atuam neste espaço encontram as limitações independentes para a execução desse olhar mais humanizado. Na conclusão foi apontado que a enfermeira responsável pelo cuidado de crianças em estado terminal, enfrenta diversos desafios que limitam o cuidado humanizado, como a necessidade de lidar com seus próprios dilemas emocionais, enquanto oferecem apoio psicossocial que vai além do campo biológico.

1704

Palavras-chave: Cuidado humanizado. Terminalidade. Enfermagem.

¹Graduanda em Enfermagem, Universidade Estadual de Feira de Santana.

²Graduanda em Enfermagem, Universidade Estadual de Feira de Santana.

³Graduanda em Enfermagem, Universidade Estadual de Feira de Santana.

⁴Graduanda em Enfermagem, Universidade Estadual de Feira de Santana.

⁵Graduanda em Enfermagem, Universidade Estadual de Feira de Santana.

⁶Doutor em Medicina e Saúde Humana, Escola Bahia de Medicina e Saúde Pública.

ABSTRACT: Infant terminality often represents a stigma for health professionals, especially nurses, or may result in failures to provide care during this critical moment. In this way, it is crucial to humanize the care of children in a terminal state. The objective of this study is to discuss the importance of humanization in caring for children in a terminal state, as well as practices and challenges. It was used as an integrative literature review methodology and was prepared through a survey of scientific articles in the databases: Google Scholar, Scientific Electronic Library Online (SCIELO), without temporary limits, which were researched with the following descriptors: terminal state, hospitalized child, oncological illness, palliative care, humanized care. Our results observe a holistic approach in the context of childhood terminality that is fundamental and requires factors that vary beyond the professional qualification. Under this perspective, the nurses who work in this space find independent limitations for the execution of a more humanized approach. The conclusion was that nurses responsible for caring for terminally ill children face various challenges that limit humanized care, such as the need to deal with their own emotional dilemmas, while offering psychosocial support that goes beyond the biological field.

Keywords: Humanized care. Children. Nursing.

RESUMEN: La terminalidad infantil a menudo representa un estigma para los profesionales de la salud, principalmente las enfermeras, o puede resultar en una falta de atención durante ese momento crítico. De esta manera, resulta crucial humanizar la atención a los niños en estado terminal. El objetivo de este estudio es discutir la importancia de humanizar el cuidado al niño en fase terminal, como prácticas y desafíos. Se utilizó como metodología la revisión integradora de literatura y se elaboró a través de un levantamiento de artículos científicos en bases de datos: Google Scholar, Scientific Electronic Library Online (SCIELO), sin límite temporal, los cuales fueron investigados con los siguientes descriptores: estado terminal, niño hospitalizado, enfermedad oncológica, cuidados paliativos, cuidado humanizado. Nuestros resultados se basan en un enfoque holístico en el contexto de la terminalidad infantil que es fundamental y requiere factores que van más allá de la cualificación profesional. En este contexto, las enfermeras que trabajan en este espacio encuentran limitaciones independientes para la ejecución de un enfoque más humanizado. Como conclusión, se señaló que las enfermeras responsables del cuidado de niños en estado terminal enfrentan diversos desafíos que limitan la atención humanizada, como la necesidad de lidiar con sus propios dilemas emocionales, al tiempo que ofrecen un apoyo psicosocial que va más allá del ámbito biológico.

Palabras clave: Atención humanizada. Terminalidad. Enfermería.

INTRODUÇÃO

A terminalidade na vida de uma criança representa uma investigação extensa e complexa para os profissionais de saúde, em particular para os enfermeiros. A formação atual muitas vezes não prepara adequadamente esses profissionais para lidar adequadamente com a morte, o que pode resultar em falhas no cuidado integral e humanizado imprescindíveis nesses momentos críticos (KOLHS *et al.*, 2017). Importante destacar que para condições dessa natureza e uma abordagem mais humanizada no cuidado de crianças em estado terminal, o qual

permite examinar as práticas atuais e os desafios enfrentados pelos enfermeiros (SILVA *et al.*, 2024).

Portanto, a preparação inadequada para lidar com a morte infantil pode levar a sérios impactos tanto para os pacientes quanto para os profissionais de saúde. Enfermeiros que não recebem treinamento adequado enfrentam dificuldades para administrar seu próprio bem-estar emocional, o que de fato pode prejudicar a qualidade do cuidado oferecido às crianças e seus familiares. Uma formação abrangente e contornada por sua integralidade aspectos emocionais e psicológicos é essencial para uma prática de enfermagem mais holística e eficaz. A resiliência é uma habilidade primordial para esses profissionais, em que permite-lhes enfrentar as diversas complexidades emocionais e os embates inerentes ao cuidado de pacientes terminais (MENIN *et al.*, 2015).

Ainda, a capacidade de adaptação e superação de adversidades a partir do modo positivo é crucial para manter a qualidade do cuidado. No entanto, é necessário que os enfermeiros recebam suporte contínuo, como acompanhamento psicológico, espaços de descanso e atividades de autocuidado, para que a articulação dessa força e essa resiliência, promovam um ambiente de trabalho saudável (ALVES, 2020).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o cuidado paliativo tem como finalidade aprimorar a qualidade de vida das pessoas com doenças graves, além de seus familiares. No contexto pediátrico, essa abordagem deve ir além das intervenções de saúde realizadas por profissionais de saúde de forma tradicional, e deve incorporar suporte emocional e atividades lúdicas que forneçam o bem-estar infantil. Essa estratégia ajuda a criar um ambiente mais acolhedor e positivo, vital para o enfrentamento da terminalidade. (SILVA *et al.*, 2010)

Este estudo tem como objetivo identificar as lacunas na formação e prática dos enfermeiros no cuidado de crianças em estado terminal, com enfoque na humanização desse cuidado. A pesquisa visa contribuir para uma compreensão mais minuciosa dos desafios enfrentados pelos profissionais de enfermagem e propor estratégias para potencializar a excelência do atendimento. Portanto, ao identificar essas lacunas e sugerir viáveis soluções, espera-se promover um cuidado mais humanizado e eficaz, ao beneficiar tanto os pacientes quanto os profissionais envolvidos.

MÉTODOS

Este trabalho é uma revisão de literatura integrativa e foi elaborado através de um levantamento de artigos científicos nas bases de dados: Google Acadêmico, *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), e outras específicos da Área da Saúde, como a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS-BIREME-LILACS). Como estratégia de pesquisa, utilizamos os seguintes descritores: estado terminal, criança hospitalizada, enfermagem oncológica, cuidados paliativos, cuidado humanizado. Os critérios de inclusão na escolha perpassaram pela língua do estudo (língua inglesa, portuguesa), ser uma artigo disponível para download gratuito, com o texto completo, não foram usados limites temporais na análise das bases de dados.

Após análise de adequação dos artigos sobre a temática estudada foram selecionados 15 artigos científicos nas bases de dados. Após selecionar os artigos, foram realizadas as etapas para escolha e análise, o qual realizou a leitura do material obtido, inicialmente título, e seguida os resumos e depois o artigo completo, e assim, determinava os artigos que se relacionam diretamente com objetivo do estudo.

Na avaliação, inicialmente foi realizado a pré-análise, no qual foram organizados os materiais e foram escolhidos os documentos que foram analisados e formulados de acordo com os objetivos gerais e fundamentamos a pesquisa. Em sequência foi procedida a exploração dos artigos, os quais foram escolhidos se os mesmos se encaixassem no perfil da pesquisa através de uma leitura minuciosa do texto, a fim de explorar o material e por fim, foi realizado o tratamento dos resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Repercussões da terminalidade infantil no exercício da enfermagem

A abordagem holística no contexto da terminalidade infantil é de suma importância e necessita de fatores que vão além da capacitação profissional. Diante do exposto, os enfermeiros que atuam neste espaço se deparam constantemente com as limitações independentes para a execução desse olhar mais humanizado. Foi observado em um dos artigos utilizados o descaso gestacional para oferecer um ambiente mais agradável para os pacientes e familiares, as mudanças que permeiam a rotina e vida das pessoas envolvidas requer atenção e suporte não tudo apenas para os cuidados da patologia, mas também meios que prezam o bem estar psicossocial dos indivíduos (MARANHÃO *et al.*, 2011).

Nesse viés, vale salientar que a estrutura hospitalar inadequada para atender às necessidades específicas das crianças compromete o trabalho das enfermeiras na prestação de um cuidado integral. A falta de um ambiente confortável e lúdico não apenas dificulta a criação de um espaço acolhedor para as crianças hospitalizadas, mas também limita as possibilidades de humanização e eficácia do atendimento (MARANHÃO *et al.*, 2011).

A neoplasia em si independente da faixa etária que acomete, desencadeia vários problemas que não se resolvem apenas com a abordagem tecno-científica, mas exige mecanismos que supra todas as necessidade envolvidas na jornada do tratamento, iniciando com apoio psicológico para a criança e acompanhantes (MARANHÃO *et al.*, 2011)

Este período é marcado pelo desenvolvimento e diversão, partes que de certa forma são delimitadas pelo cuidado excessivo, além da proteção extrema dos adultos derivadas das preocupações advindas do diagnóstico, trazer para o espaço terapêutico recursos que irão reduzir essas barreiras, ao oferecer o apoio tanto para proporcionar momentos mais descontraídos para os pacientes, quanto para o suporte emocional dos acompanhantes, facilitará a comunicação entre ambas as partes e tornará algo desconfortável, em mais acolhedor. (MARQUES *et al.*, 2016)

Ademais, fica claro que o cuidado de pacientes pediátricos em estado terminal exerce um impacto psicológico significativo nos profissionais de enfermagem, o qual frequentemente resulta em burnout e estresse elevados. A Organização Mundial da Saúde (OMS) adere o burnout na Classificação Internacional de Doenças (CID-11), o que a caracteriza como uma síndrome resultante do estresse crônico no local de trabalho, a qual não foi possível administrar no ambiente de trabalho. O burnout é manifestado por sentimentos de exaustão, distanciamento mental do trabalho e eficácia profissional reduzida (AGUIAR *et al.*, 2020).

Outrossim, estudos recentes demonstram que, antes da pandemia, os níveis de burnout entre profissionais de saúde variam entre 30% a 50%. Contudo, esses índices aumentaram significativamente, atingindo atualmente entre 40% a 70% (CHENEY, 2021). Diante desse cenário, é possível afirmar que a exposição exacerbada e constante a situações emocionalmente desgastantes, assim como a terminalidade infantil, agrava o estresse, logo percebe-se o crescente desgaste emocional e físico considerável.

Consequentemente, esse aumento influencia diretamente no bem-estar psicológico das enfermeiras, quanto na sua qualidade ao atendimento prestado, uma vez que, expostos à exaustão e a desmotivação, encontram-se mais propensas a gerir o cuidado de forma errônea e

então, menos capazes de fornecer uma atenção holística. Além disso, a desvalorização da profissão de enfermagem também contribui significativamente para o burnout, pois a falta de reconhecimento leva ao sentimento de invisibilidade e desvalorização no ambiente de trabalho, os quais afetam diretamente no desempenho profissional (RISSARDO *et al.*, 2013).

Diante do exposto, é notório que os cuidados paliativos vêm uma temática que tem crescido nos processos formativos na área de saúde, e em especial, da enfermagem, que pode ser visto também nos momentos de educação permanente e continuada, pois é essencial qualificar os profissionais para lidar com pacientes em estado terminal (LOUZADO *et al.*, 2023).

No Brasil, essa disciplina emergente ainda carece de reconhecimento e de maior investimento. Floriani e Schramm, em 2007, sugeriram que fossem incorporadas no currículo de formação profissional e em programas de educação continuada a temática dos cuidados paliativos, a fim de capacitar os profissionais para lidar com pacientes nessa condição. Em seguida, no ano de 2008, reforçam que os cuidados paliativos estão em expansão globalmente e representam uma disciplina emergente que ainda carece de reconhecimento no Brasil (VENTURI, 2013).

Nesse sentido, a necessidade de qualificação dos profissionais de enfermagem em cuidados paliativos, incluindo o enfrentamento da iminência da morte em crianças, requer dos profissionais de enfermagem um alto grau de preparo e competência, sobretudo no que tange à assistência humanizada e ao suporte emocional tanto ao paciente quanto aos seus familiares. Contudo, a realidade revela que a formação dos enfermeiros frequentemente não contempla de forma adequada a abordagem da terminalidade infantil, o que pode resultar na falta de capacitação para lidar com situações tão delicadas e complexas (MACHADO, 2021).

Esse despreparo dos enfermeiros diante da finitude se manifesta em diversas lacunas e desafios enfrentados no contexto do cuidado paliativo pediátrico. Em muitos casos, os profissionais carecem de habilidades de comunicação sensível e eficaz para abordar questões de morte e finitude com as crianças e suas famílias, o que pode gerar angústia, sofrimento adicional e dificuldades emocionais. Além disso, a escassa compreensão das especificidades do cuidado nessas situações reflete-se em práticas assistenciais incompletas, omissões éticas e falta de suporte integral ao processo de enfrentamento da morte (SILVA *et al.*, 2019).

Para garantir tais melhorias, é fundamental que os programas de formação em enfermagem incluam uma abordagem mais abrangente e sensível em relação à terminalidade

infantil, com ênfase na humanização dos cuidados, na empatia e na compaixão (ANDERSON *et al.*, 2017). Ademais, é importante promover um ambiente de apoio e acolhimento aos enfermeiros, oferecendo suporte emocional e psicológico adequado para que possam lidar de forma saudável e resiliente com as demandas emocionais e clínicas desse contexto tão complexo (LIRA *et al.*, 2018).

Humanização do cuidado: impacto do cuidado paliativo na vida das crianças

Segundo o Instituto Nacional do Câncer (INCA), os cuidados paliativos são parte integrante do cuidado, e o aprimoramento desse é de extrema importância para a melhoria da qualidade de vida das crianças em qualquer fase em que se encontrem em seus tratamentos. Os cuidados de suporte em pediatria buscam trazer mais conforto para a criança, seja por meio da utilização de tratamentos farmacológicos – a fim de proporcionar um maior conforto físico –, ou do apoio socioemocional e espiritual ao usuário e seus familiares, assim proporcionando uma evolução na qualidade de vida durante o tratamento/hospitalização (VAZ *et al.*, 2023).

A enfermeira representa um elemento intrínseco no processo de cuidado visto que com o seu papel multifacetado e com atuação conjunta de uma equipe interprofissional, essa profissional tem enormes responsabilidades justamente, por ter um prolongado contato – principalmente direto – com as crianças e sua parentela, é seu dever se atentar à identificação das necessidades dos usuários – que pode ocorrer de modo verbal ou não verbal –, além da gerência dos cuidados relacionados a tais demandas, do desenvolvimento de uma rede de comunicação – enfermeira/paciente/família – acessível, direta, confiável, verdadeira e que transmita conforto de modo verbal, e também através de gestos e ações (SAMPAIO *et al.*, 2022).

Durante o tratamento oncológico e hospitalização, a criança se encontra em um contexto totalmente novo e desafiador para a realidade infantil. Neste contexto, o paciente é retirado do conforto do seu meio familiar e submetido a um novo local em que sofre procedimentos dolorosos e invasivos que impactam tanto na sua saúde física, quanto emocionalmente. Os familiares também sofrem com a readequação da situação, pois devem aprender a lidar com seus medos e anseios enquanto cuidam da criança. Portanto, é essencial que a enfermagem esteja apta a cuidar integralmente do paciente, enquanto considera seus sentimentos, de maneira que ofereça um bem-estar a ela e aos seus familiares (DIAS *et al.*, 2023).

A vida de uma criança muda completamente ao iniciar um tratamento oncológico, a rotina que antes era destinada aos estudos e lazer, ganha novos integrantes, os hospitais e clínicas médicas. Nesse contexto, para que uma pessoa considerada em terminalidade da vida tenha seu sofrimento reduzido, é importante buscar formas de integrá-lo no processo de cuidado, tendo como base a sua idade, que considera as necessidades específicas das crianças em termos de comunicação, envolvimento e compreensão do diagnóstico e tratamento. A fito de desenvolver projetos específicos que tenham como foco, amenizar o ambiente hospitalar e a percepção de tempo dentro da instituição médica (Dias *et al.*, 2022).

Precipuaemente, os profissionais buscam transformar as salas reservadas para o público infantil, um local mais lúdico, são projetadas para proporcionar um ambiente acolhedor e seguro para crianças que estão enfrentando tratamentos para o câncer. A decoração conta com paredes pintadas com cores vivas, murais, adesivos de parede ou temas que são atraentes e reconfortantes para crianças. (LOPES *et al.*, 2020)

Além de ter áreas de recreação com espaços dentro ou próximos às salas onde as crianças podem brincar, ler, assistir a filmes ou participar de atividades educativas, proporcionando distração e estimulando a interação social. Finalizando a organização com equipamentos de tratamento médico ajustados para atender às necessidades específicas das crianças, como bombas de infusão, monitores vitais, entre outros (SOARES *et al.*, 2014).

1711

Contudo, só o ambiente adequado não abarca todas as necessidades do cuidado, por isso a necessidade da implantação dos cuidados paliativos, que trazem como principais focos, as equipes multidisciplinares, que têm envolvimento de especialistas como pediatras, enfermeiros pediátricos, psicólogos infantis, terapeutas ocupacionais e assistentes sociais para abordagem holística (SILVA *et al.*, 2021)

Desse modo, que possuem o foco na qualidade de vida, o qual busca manter o bem-estar da criança como prioridade, e conseqüentemente, seja capaz de minimizar o desconforto e maximizar a participação em atividades comuns, conforme possível (LOPES *et al.*, 2020).

Ademais, cabe aos profissionais, buscar formas de realizar a preparação para o fim da vida, oferecendo suporte emocional e assistência prática aos pais e familiares para tomada de decisões difíceis sobre cuidados no fim da vida. Nesse ínterim, é importante ressaltar a necessidade do apoio familiar que averigua maneiras de incluir a família em todas as etapas do tratamento e cuidados paliativos, assegurando que eles tenham recursos e suporte adequados (SOUZA *et al.*, 2022).

CONCLUSÃO

A enfermeira responsável pelo cuidado oncológico de crianças em estado terminal, enfrenta diversos desafios que limitam a possibilidade de proporcionar um cuidado holístico e humanizado para esses jovens. Enquanto lidam com uma carga emocional significativa, as enfermeiras são encarregadas de oferecer um apoio psicológico e social que vai além de cuidados biológicos. É fundamental que estejam preparadas para acolherem de modo sensível, os sentimentos e dificuldades tanto da criança quanto de seus familiares durante esse frágil período (ROSA, 2006).

Entretanto, pode se notar que problemas institucionais e com os familiares dos pacientes podem representar empecilhos para a aplicação de um trabalho mais humanizado, tornando assim necessário além do preparo do profissional na sua graduação ou em sua formação profissionalizante para prestar esse suporte, sabendo gerenciar, mais investimentos da gestão hospitalar em uma estrutura que forneça materiais, planos de ação e ambientes que tornem essa jornada mais agradável (NOGÁRIO *et al.*, 2020).

A falta de preparo adequado dos enfermeiros para lidar com a morte infantil pode ter consequências significativas tanto para os pacientes quanto para os profissionais de saúde. Afinal, as enfermeiras são responsáveis por proporcionar um tratamento em um contexto extremamente complexo para os pais e a criança. O jovem enfrenta uma realidade difícil, com mudanças abruptas no ambiente, tratamentos invasivos e distanciamento dos familiares. Por sua parte, os familiares encontram-se envolvidos em um turbilhão de emoções complexas, demandando suporte psicossocial (ROSA *et al.*, 2015)..

REFERÊNCIAS

1. AGUIAR, Ricardo Saraiva; BESERRA, Jessica Helaine Gomes Nascimento. Sentimentos vivenciados pela equipe de enfermagem perante o tratamento de pacientes com câncer: revisão integrativa. **REVISA**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 144-155, 2020.
2. ALVES, E. M. M. O impacto da resiliência e do ambiente ético hospitalar na percepção de burnout nos profissionais de cuidados paliativos. 2020. 174 f. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto, Portugal, 2020
3. ANDERSON EW *et al.* Combining Best Practices and Patient, Caregiver, and Healthcare Provider Perspectives for Late-Life Supportive Care: LifeCourse. **Journal of Nursing Administration**, 2017; 47(11):551-557

4. BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Política Nacional de Cuidados Paliativos. Brasília: Ministério da Saúde, 2018. BRASIL. Ministério da Saúde. Sistema Único de Saúde (SUS).
5. BOTOSSI, D. C. O desafio do enfermeiro frente aos cuidados paliativos em pediatria. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v.7, n.6, p. 55949-55969, jun. 2021.
6. DIAS, L. L. C et al. Cuidado de enfermagem em oncologia pediátrica: um olhar sobre ser criança em tratamento oncológico. *Revista Pró- Universus*, [S.I.], v.14, n.1,p. 73-78, 2023.
7. DIAS, T. K. C., Reichert. et al. Assistência de enfermeiros a crianças em cuidados paliativos: estudo à luz da teoria de Jean Watson. *Escola Anna Nery*, [s.l.], 27, e20210512.
8. GUIMARÃES, T. M. et al. Cuidados paliativos em oncologia pediátrica na percepção dos acadêmicos de enfermagem. *Escola de Enfermagem Revista Anna Nery*, Rio de Janeiro, v. 20, p. 261-267, 2016.
9. KOLHS, Marta; MACHRI, Elise; FERRI, Giseli; BRUSTOLIN, Angela; BOCCA, Micheli. Sentimentos de Enfermeiros Frente ao Paciente Oncológico. *Journal of Health Sciences*, [S. l.], v. 18, n. 4, p. 245-50, 2017.
10. LOPES, N. C. B.; VIANA A. C. G.; FÉLI, X. Z.C.; et al. Abordagens lúdicas e o enfrentamento do tratamento oncológico na infância. *Revista de enfermagem UERJ*.28(5), 2020.
11. LOUZADO, M. A. N.. et al.. O enfermeiro frente ao paciente oncológico em cuidado paliativo: Revisão de literatura integrativa. *Revista Pró-UniverSUS*, Vassouras, v. 14, n, 3, p. 117-123, 2023.
12. MACHADO, Flávio Vaz et al. A atuação do Equipe interdisciplinar junto aos familiares e ao paciente oncológico. *Revista Práxis*, v. 13, n. 2, 2021.
13. MARANHÃO, Thatiana et al. A humanização no cuidar da criança portadora de câncer: fatores limitantes e facilitadores. *Journal of the Health Sciences Institute*. [s.l.], v. 29, n. 2, p. 106 - 109, 2011.
14. MARQUES, P. E.; GARCIA, T. M. B.; ANDERS, J. C.; et al. Lúdico no cuidado á criança e ao adolescente com câncer: perspectiva da equipe de enfermagem. *Escola Ana Nery, Revista de Enfermagem*. 20(3), 2016.
15. MENIN, G. E.; PETTENON, M. K.. Terminalidade da vida infantil: percepções e sentimentos de enfermeiros. *Revista Bioética*, v. 23, n. 3, p. 608-614, set. 2015.
16. NÉRIS, B. D. et al. Crianças em terminalidade na perspectiva de cuidados paliativos: Percepção dos enfermeiros. *Revista Varia Scientia*, Ciências da Saúde, [s.l.], v. 4, n. 2, p. 127-136, 2018.
17. NOGÁRIO A.C.D. et al. Implementação de diretivas antecipadas de vontade: facilidades e dificuldades vivenciadas por equipes de cuidados paliativos. *Rev Gaúcha Enferm*. v. 41,

e20190399, 2020.

18. RISSARDO, M. P.; GASPARINO, R. C.. Exaustão emocional em enfermeiros de um hospital público. **Escola Anna Nery**, v. 17, n. 1, p. 128–132, jan. 2013.
19. ROSA AF, Lunardi VL, Barlem ED, Filho WDL. Percepções das enfermeiras frente aos sentimentos de quem vivência o processo de morrer e morte. **Ciênc. Cuid. Saúde**. 2006;5(2):204-211.
20. ROSA, Danielle de Souza Santa; COUTO, Selma Aleluia. O enfrentamento emocional do profissional de enfermagem na assistência ao paciente no processo de terminalidade da vida. **Revista Enfermagem Contemporânea**. 2015 Jan./Jun.;4(1):92-104.
21. SAMPAIO, Suylla Miranda; SANTANA, Taciana Conceição; ANGELIM, Emille Gabriela Freitas. O papel dos enfermeiros no cuidado paliativo: uma revisão literária. **Revista de Ensino, Ciência e Inovação em Saúde**, Juazeiro, v. 3 n.3, p. 32-40, 2022.
22. SANTOS, Alda Laisse Nascimento; LIRA, SabrinaSouza; COSTA, Ruth Silva Lima. Cuidados Paliativos Prestados pelo Enfermeiro ao Paciente Oncológico. **DêCiência em Foco**, v. 2, n. 1, p. 63-77, 2018.
23. SILVA, D. de O.. Cuidados paliativos na terminalidade da vida prestados pela equipe de enfermagem aos pacientes pediátricos oncológicos. In: BARROS, J. P. de M.; FILIPE, C. S. M. (Orgs). **Enfermagem Contemporânea: Novos Desafios, Integração de Cuidados e Percurso Assistencial**. V. 1. Guarujá-SP: Editora Científica, 2024.
24. SILVA G, CECCHETTO FH. Dificuldades vivenciadas pelos profissionais de enfermagem na assistência ao paciente em cuidados paliativos. **Rev. Enferm. UFPI** [s.l.]. 2019;8(3):64-9.
25. SILVA, Flor de Maria Araújo Mendonça et al . Cuidado paliativo: benefícios da ludoterapia em crianças hospitalizadas com câncer. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo , v. 30, n. 1, p. 168-183, jun. 2010 .
26. SILVA, W. C. DA .; ROCHA, E. M. DA S.. Atuação da equipe de saúde nos cuidados paliativos pediátricos. **Revista Bioética**, v. 29, n. 4, p. 697–705, out. 2021.
27. SOARES, V. A. et al..O uso do brincar pela equipe de enfermagem no cuidado paliativo de crianças com câncer. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 35, n. 3, p. III–II6, set. 2014.
28. SOUZA, M. O. L. S. de. et al.. Reflexões de profissionais da enfermagem sobre cuidados paliativos. **Revista Bioética**, v. 30, n. 1, p. 162–171, jan. 2022.
29. VAZ, M. V. T. S et al. Cuidados paliativos: a importância do cuidado humanizado à família frente ao paciente oncológico infantil. **Revista Contribuciones a Las Ciencias Sociales**, São José dos Pinhais, v.16, n.12, p.31027-31042, 2023.